LUIS DE MATOS
LIVRO DOS SEGREDOS

Porto Editora

INTRODUÇÃO

UM LIVRO DE SEGREDOS: COMO, PORQUÊ E PARA QUÊ

Adoro passar tempo em livrarias. Olho para os livros e penso na frase de Frank Zappa: «Tantos livros, tão pouco tempo.» Não gosto de livros electrónicos. Gosto do objecto livro como primeiramente o conheci. Um livro que passa de mão em mão e que, em si mesmo, é uma herança de sabedoria ou a porta de entrada para um universo onde a imaginação dita as regras. Para mim, um livro é um objecto mágico que nos ajuda a crescer, mesmo que não nos identifiquemos totalmente com o seu conteúdo.

Não gosto de livros selados em celofane, mas, quando se trata de livros de magia, incomoda-me que o seu conteúdo esteja à mercê da curiosidade de qualquer um que folheie as suas páginas. Procurei, durante anos, uma solução para este meu pequeno conflito. *O Livro dos Segredos* foi a resposta que encontrei. Um livro que, sem estar envolto no indelicado celofane que nos obriga a julgar a obra pela capa, guarda segredos só revelados ao genuíno interessado.

As páginas deste livro estão seladas. À disposição do olhar de quem passeia pelas páginas do livro estão apenas os factos ou curiosidades que escolhi relatar nas páginas que separam cada uma das 50 ilusões que aqui partilho. A face visível de cada ilusão descreve o que o «aprendiz de mago» poderá vir a fazer acontecer, proporcionando-lhe algo que jamais voltará a viver – o momento em que ainda não conhece o segredo. Cada par de páginas que o leitor terá de separar representa a sua entrada em mais uma das infinitas gavetas do conhecimento mágico.

O DVD ajudará a perceber o impacto de cada ilusão junto dos que desconhecem o segredo. Por vezes, ao ler alguns livros de magia podemos chegar a ter dúvidas sobre a real eficácia desta ou daquela técnica. Por isso mesmo, antes de entrar no segredo propriamente dito, sugiro que veja o vídeo ou leia a descrição, num exercício de reflexão e descoberta. Quem sabe até se não encontrará para cada ilusão um método muito melhor do que aquele que aqui descrevo...

Cada ilusão tem a sua história, e é por isso que em cada caso refiro a sua origem, criador ou mesmo o nome de alguém a quem se atribui determinada apresentação. As ilusões aqui explicadas podem ser aquilo que o leitor decidir, desde um inteligente passatempo até um bom momento de magia que a todos deixará orgulhosos. As ilusões estão divididas em cinco grandes grupos: Magia com Cartas, Magia Improvisada, Magia Mental, Magia de Salão e Magia Clássica. Em cada secção encontrará ilusões para diversos gostos e com diferentes graus de dificuldade.

Adulto ou criança, sozinho ou acompanhado, as páginas que se seguem ensinam "truques" que, com a necessária dedicação e ensaio, lhe permitirão criar "ilusões" junto de futuros espectadores, os quais, por sua vez, poderão viver esses momentos como verdadeiramente "mágicos", graças a si.

Os factos e curiosidades que aqui partilho ajudarão a ter uma visão global de um mundo quase desconhecido e que, habitualmente, pensamos apenas existir do outro lado do espelho. Momentos em que a história do mundo se cruzou, e cruza, com a dos que criam ilusões. Factos relevantes que jamais associamos ao mundo da magia ou curiosidades que confundimos com fantasia, de tão irreais que parecem.

Há um verdadeiro poder num livro de magia. Estimula o cérebro, potencia a habilidade e premeia a dedicação. Os mais novos não só lêem, ensaiam e interagem com os adultos, como aprendem também a falar em público e aumentam a sua confiança e auto-estima. Os adultos encontram um *hobby* salutar, inteligente, de aprendizagem progressiva, que lhes permite interagir de forma diferente e divertida com familiares e amigos. Alguns, poucos, até se tornam profissionais depois de lerem um...

A razão que me levou a escrever o *Livro dos Segredos* é a de, muito humildemente, tentar fazer pela arte uma milésima parte do que a magia já fez por mim. É a esperança de encontrar entre os leitores os novos embaixadores do gosto por esta forma absolutamente transversal e universal de comunicar.

UM TESOURO DIFERENTE

A frase mágica usada por Ali Babá em *As Mil e Uma Noites* era a senha para que a porta do esconderijo do tesouro dos 40 ladrões abrisse automaticamente. Gostaria de pensar que as páginas deste livro poderão representar um tesouro que, não sendo tão valioso como o da ficção traduzida por Antoine Galland no século XVIII, poderá ser o ponto de partida para uma colecção de experiências fantásticas. Quem sabe se, um dia, algum mágico famoso dirá, numa qualquer entrevista, que a sua paixão pela magia terá começado com este livro. Por muito remota que seja essa possibilidade, ela espelha parte da intenção, empenho e simbolismo colocados neste projecto.

As longo dos tempos, a arte mágica passou pelos mais variados contextos, nem sempre os do maior respeito, nem sempre os mais honestos, mas conseguindo a cada instante provar que o impossível pode acontecer, ainda que por instantes e num determinado contexto. Faz parte da natureza humana a atracção pelo Mistério. Como o meu amigo Max Maven um dia disse: «A Magia é a exploração estética do Mistério.» É isso que os mágicos fazem, num permanente estímulo à capacidade de sonhar.

Neste livro partilham-se segredos. Segredos não são magia – são ferramentas que, com dedicação e criatividade, podem proporcionar experiências extraordinárias aos que os utilizam e aos que deles desfrutam sem que alguma vez os conheçam.

MAGIA E ARTE

O grande segredo da magia não são os truques, como vulgarmente são chamados. O grande segredo está na forma como nos relacionamos com a arte. Ao longo das próximas páginas, refiro-me com frequência à «Arte Mágica»; no meu entender, essa é uma classificação devida, por aquilo que a magia pode chegar a ser. Não o é sempre, da mesma forma que nem todas as pinturas, textos ou músicas são. Na minha opinião, o conceito de arte passa por algo que, com conhecimento, inspiração e talento, é criado sem que antes existisse na mesma forma ou com o mesmo conteúdo. Algo que é, fundamentalmente, com ou sem mensagem intrínseca, sensorial. A arte estimula os sentidos e, por isso mesmo, afecta-nos de alguma forma. Nesse contexto, um momento de magia pode, ou não, ser arte. Podemos gostar de pintar, escrever ou cantar e não sermos artistas. Na mesma medida, podemos ter a magia como hobby, ou até mesmo profissão, e não sermos artistas.

Como arte performativa, e não só, a magia há muito provou poder ser das mais completas e complexas. Contudo, ainda hoje, pessoas com responsabilidades públicas e privadas têm alguma dificuldade em perceber a verdadeira dimensão e riqueza de uma das mais antigas formas de expressão. Num passado recente, em 1955, em Portugal, um grupo de amantes da magia contactou as autoridades competentes no sentido de obter autorização para poder fundar a Sociedade Portuguesa de Ilusionismo. A 25 de Novembro desse ano, uma carta remetida pelo Ministério da Educação Nacional dizia o seguinte: «Informo V. Exa. de que, por parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa de 5 do corrente, homologado por despacho ministerial de 15 do mesmo mês e ano, se entendeu que o objectivo da Sociedade Portuguesa de Ilusionismo, indicado nos seus estatutos, não constitui expressão de cultura digna de ser considerada.» A assinatura do Inspector Superior é antecedida pela expressão: «A bem da Nação».

Actualmente, o Congresso dos EUA discute a *Resolution 642*, uma proposta que visa precisamente classificar a Arte Mágica como património nacional, com o intuito da sua preservação, protecção e promoção para as gerações futuras, à semelhança do que acontece com a dança, música, teatro e cinema.

MAGIA E CONHECIMENTO

As regras que definiam a forma como percepcionávamos o mundo há 1000 anos são diferentes da forma como hoje o conhecemos. A magia esteve sempre à frente, tornando possível aquilo que, em determinado momento, ainda era impossível. Antes que o Ser Humano pudesse pisar o solo lunar, já o Mágico Georges Méliès havia criado essa ilusão, provavelmente potenciada por um desejo ou um sonho impossível à data. Da mesma forma que, actualmente, só no palco o teletransporte é possível, quem sabe se, um dia, não será um meio de transporte comum. E se apetece dizer que isso é impossível, muitos exemplos recentes fazem-nos pensar duas vezes antes de o afirmar. Foi Arthur C. Clarke quem, em tempos, disse que «qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia». Basicamente, «mágico» é tudo aquilo que a ciência afirma ser impossível e a nossa imaginação contraria. Talvez por isso a magia tenha evoluído com o conhecimento.

Na magia, nada tem de ser verdade, apesar de precisar de o parecer. O fascínio de fazer e testemunhar o impossível é o grande motor desta milenar forma de expressão que sempre insistiu em realizar num palco o que só no futuro seria possível.

ÉPOCA DOURADA

Refere-se, habitualmente, como «idade de ouro da magia» o período de viragem para o século XX, quando os grandes espectáculos de Alexander Hermann, Harry Houdini ou Dante estavam em digressão pelo mundo e atraíam milhares de pessoas aos teatros. Uma altura em que Maskelyne, Devant e outros tinham, inclusivamente, os seus próprios teatros. Uma época em que os cartazes de magia eram mais atractivos e prometiam muito mais do que o *trailer* de um qualquer filme dos dias de hoje.

Porém, tudo leva a crer que estamos de novo num pico do cíclico aumento de interesse em torno desta arte. Esses sinais estão presentes um pouco por todo o lado: nos teatros, cinemas, televisões e, graças ao advento da Internet, nos dispositivos móveis.

Os espectáculos disponíveis são muitos, e não só em Las Vegas, onde, diariamente, podem ser vistas maravilhas como Mac King, Penn & Teller e, naturalmente, David Copperfield. A digressão mundial do espectáculo *THE ILLUSIONISTS*, a que tenho a honra de pertencer, tem chegado, através das suas três companhias, a milhões de espectadores nas mais prestigiadas salas do mundo: da Sydney Opera House ao Folies Bergère, em Paris, passando pelo Shaftesbury Theatre, em Londres, e pelos palcos da Broadway. Os espectáculos unipessoais surgem um pouco por todo o mundo, assim como as réplicas do *THE ILLUSIONISTS*.

Pessoalmente, cresci com as séries de televisão de Paul Daniels e Juan Tamariz e os especiais de David Copperfield. Em 1997, o mundo conheceu David Blaine com o especial *David Blaine: Street Magic*, com o qual se iniciou uma nova era da magia em televisão. O especial de Blaine acontecia nas ruas e foi o primeiro programa a colocar a atenção das câmaras nas reacções espontâneas dos espectadores. David Blaine continuou a produzir especiais seguindo a fórmula que ele próprio descobriu e cujo eco levaria ao advento de dezenas e dezenas de cópias, ao ponto de o seu formato se ter tornado uma tendência e, mais tarde, uma moda por todos adoptada. Em 2011, o inglês Dynamo

estreava a sua primeira série de televisão, que também decorria fora do estúdio tradicional, onde a sua personagem de miúdo de bairro se transformaria num caso de sucesso sem precedentes. No final da primeira de quatro temporadas, Dynamo caminhou sobre as águas do Tamisa e, a partir daí, o seu percurso foi imparável até, recentemente, ter esgotado a O2 Arena, em Londres, para o espectáculo final da sua digressão pelo Reino Unido. Também a Oriente a magia no pequeno ecrã, largamente amplificada pela Internet, ganhou particular expressão nos últimos anos, com os programas dos notáveis Cyril Takayama e Lu Chen.

No cinema, desde o início dos anos 1920, com a chegada do som, todas as décadas seriam marcadas com, pelo menos, um filme envolvendo a temática da magia. A partir da década de 1980, esse ritmo aumentou, chegando ao ponto de, só desde o ano 2000 até à data, já terem sido produzidas mais de 20 longas-metragens, sem contar sequer com as oito das aventuras de Harry Potter. Da primeira década do actual milénio são exemplos *O Ilusionista* (2006), *O Terceiro Passo* (2006) e *Houdini – O Último Grande Mágico* (2007). E desde 2010 já foram produzidos mais de uma dezena de filmes, onde se incluem *Guzaarish* (2010), *A Invenção de Hugo* (2011) e os dois primeiros da trilogia *Mestres da Ilusão* (2013 e 2016), estando o terceiro já a ser rodado. Em Portugal, e ainda este ano, estreará o filme *Malapata*, do meu querido amigo Diogo Morgado, onde o vilão é um mágico (eu...). Recentemente, também os grandes estúdios do cinema de animação começaram a revelar um grande entusiasmo pela magia, como o demonstram a curta *Presto* (2008), ou as longas *O Mágico* (2010) e *A Casa da Magia* (2013), no qual tive o privilégio de ser a voz do Mago Lourenço na versão portuguesa. Também ao nível dos documentários nunca o interesse foi tão intenso como o actual, e disso são exemplos *Deceptive Practice* (2012), sobre Ricky Jay, *An Honest Liar* (2014), a respeito da vida e obra de James Randi, e *Our Magic* (2014), realizado por Paul Wilson.

APRENDER MAIS

Numa era em que somos constantemente bombardeados com informação que nos chega de todas as formas, o facto de ainda existirem «segredos» é verdadeiramente extraordinário. Neste livro encontram-se alguns que, acredito, podem ter consequências, facto que depende apenas de quem a eles for exposto e daquilo que com eles decidir fazer.

Se o interesse aumentar e a paixão se instalar, sugiro que, para além de procurar estabelecer contacto com outros mágicos e assistir ao maior número possível de espectáculos ao vivo, programas de televisão e vídeos *online*, usem alguns dos recursos hoje disponíveis, uma vez que podem ser excelentes companheiros de viagem na exploração da arte mágica. Aqui ficam alguns:

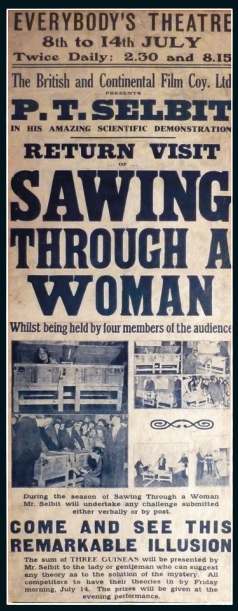
Cardopolis	www.cardopolis.blogspot.pt
Conjuring Arts Research Center	www.conjuringarts.org
Mike Caveney's Magic Words	www.mcmagicwords.com
TED (apresentações sobre magia)	www.ted.com/topics/magic
Hollywood Academy of Magical Arts	www.magiccastle.com
The Magic Circle	www.themagiccircle.co.uk
Revista GENII	www.geniimagazine.com
Revista MAGIC	www.magicmagazine.com
Essential Magic Collection	www.essentialmagiccollection.com
Essential Magic Conference	www.essentialmagicconference.com

ACAAN

MAGIA COM CARTAS

Um espectador escolhe uma carta e perde-a no baralho. Um outro espectador escolhe um número entre 1 e 52, sendo então convidado a descobrir que carta se encontra na posição que corresponde ao número que livremente escolheu. No exacto número por ele eleito encontrará a carta livremente escolhida pelo primeiro espectador!

ADVENTO DAS ASSISTENTES



Apesar de o estereótipo do «mágico e a sua glamorosa assistente» ser habitualmente associado à magia, terá sido apenas a partir de 17 de Janeiro de 1921 que essa imagem viria a ser mais comummente associada à arte de criar ilusões.

O grande advento da moda de colocar mulheres bonitas dentro de caixas terá começado com P. T. Selbit, o inventor da ilusão clássica da mulher serrada, acabando por coincidir com o final das lutas pelo reconhecimento do direito de voto das cidadãs.

No palco do Finsbury Park Empire, acompanhado da belíssima Betty Barker, P. T. Selbit apresentou uma caixa, cuja melhor comparação seria mesmo a de um caixão. A assistente entra no seu interior, cordas amarram-lhe os pés e pescoço e são seguras por espectadores que, assim, garantem que ela não poderá movimentar-se no seu interior. De seguida, o mágico serra o *caixão* a meio e separa as metades, demonstrando ter conseguido o impossível. Ou melhor, no pressuposto do anterior, o impossível acontece verdadeiramente quando, depois de juntas as metades da caixa, a assistente sai ilesa do seu interior.

Em função do período de luta que se vivia naquele momento, Selbit teve a ideia de convidar Christabel Pankhurst, pioneira dos movimentos feministas, a quem ofereceu 20 libras por semana. Christabel acabaria por recusar partilhar o palco com o inventor de uma das mais míticas ilusões, mas, ainda assim, o êxito da ilusão foi imediato.

Outros mágicos apressaram-se a criar as suas próprias versões e, rapidamente, o americano Horace Goldin apresentava uma ilusão muito similar. Goldin registou tantos títulos quantos os que se lhe ocorreram e quando Selbit chega à América vê-se obrigado a usar o pouco impactante título de A Mulher Dividida. Selbit acusou Goldin de plágio, mas a justiça, que já na altura não era uma ciência exacta, acabou por ilibar Horace Goldin, sentenciando que as duas criações eram suficientemente distintas.